

Um olhar transdisciplinar sobre a formação universitária: desafios para humanescer na saúde

Maria Glória Dittrich – UNIVALI

mariagloriadit@gmail.com

Flávio Ramos – UNIVALI

flauni@univali.br

RESUMO

O artigo é resultado de uma pesquisa teórica que visou compreender o humanescer na formação universitária no campo da saúde com um olhar transdisciplinar. O humanescer implica um processo de saber cuidar do ser humano no ensino-aprendizagem numa perspectiva integral e multidimensional na formação universitária. A abordagem é dentro da hermenêutica fenomenológica, quando se utiliza vários autores para dialogar transdisciplinarmente buscando a reflexão sobre a categoria humanescer. O cuidado à saúde retoma suas raízes ontológicas na dinâmica da vida. A vida é Gênesis permanente, sagrada, pois na dimensão do humano, sustenta a *dynamis* do processo de cuidar, como fenômeno legítimo do Espírito Criador no ser humano – que se manifesta como energia, potência de amor criante que estrutura a base para sentir, pensar, agir e conviver. Na educação esta energia vital penetra e estrutura os vários elementos de toda a constituição físicobiológica, psicossocial, espiritual e ecológica da corporeidade humana, como um todo vivo, complexo e interagente. Nos processos educacionais ele é capaz de se auto-organizar nas inter-relações sociais diante da sua criatividade, para poder aprender e saber cuidar, com compaixão e espiritualidade, da vida na saúde. Ao longo história da saúde e da doença na formação universitária, como um processo de aprendizagens e vivências no conhecimento multidisciplinar, existe um currículo que tem também uma história da produção de significados sobre a natureza, sobre as funções e estruturas do corpo humano, sobre as relações corpo-mente-espírito, bem como sobre a pessoa-ambiente-sociedade. Uma história, portanto, envolvendo o mundo natural e social, constituindo diferentes narrativas e teorias sobre os processos de saúde e sofrimento. Diante de desafios e adversidades dos mais diversos, presentes no mundo contemporâneo, especialmente no que diz respeito ao cuidado à saúde do ser humano, fala-se da necessidade de refletir sobre o humanescer na formação universitária para vencer os “ranços” do modelo repetitivo de receitas prontas e de inconsistências teórico-metodológicas nas práticas mecânicas e positivistas docentes. Os resultados apontam que humanescer no ato de cuidar na saúde,

dentro de uma prática universitária, é dialogar transdisciplinarmente com saberes filosóficos, científicos, artísticos e culturais, buscando na proximidade solidária entre um eu e um outro, a melhor solução de acolhimento, na alegria ou na dor, tendo em vista a ressignificação do viver na descoberta de um novo sentido no conhecimento.

PALAVRAS CHAVE: Humanescer, Cuidado, Ser humano, Transdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

O humanescer na formação universitária no campo do cuidado em saúde, remonta suas raízes ontológicas na dinâmica da vida. Como pensar a formação universitária, no campo da saúde, sem acolher incondicionalmente a vida, que se mostra em cada rosto humano pedindo cuidado, desejando aprender e conhecer mais para poder cuidar melhor da vida das pessoas e do meio ambiente?

A vida é Gênese permanente, sagrada, pois na dimensão do humano, sustenta a *dynamis* criativa do gerar e parir sentimentos, emoções, pensamentos, percepções e compreensões sobre si, sobre o outro sobre a natureza e a Transcendência. Consciente ou não, o ser humano busca o seu desenvolvimento biopsicoespiritual, social e ecológico, porque como afirmou Frankl (2001), ele tem a sede e a vontade de descobrir o sentido de estar no mundo. Com efeito, o que se percebe é que os alunos ao serem perguntados sobre a razão da escolha de seus cursos, na área do conhecimento que optaram, eles, direta ou indiretamente, indicam que procuram um sentido de vida que possa dar direção na caminhada existencial e profissional.

Descobrir o sentido de estar no mundo, diante de tantos desafios diários, implica busca de conhecer-se na relação com o outro, com o conhecimento das humanidades, da ciência e da tecnologia dentro da cultura e da natureza como um todo complexo e que constitui o nosso lugar social, o nosso *Kayrós* de viver.

Na filosofia grega *Kayrós* significava o tempo certo de se viver algo, na busca da verdade sobre o real vivido. Será esse momento, na formação universitária no campo da saúde, um tempo certo de se viver o humanescer na saúde? Mas afinal o que é humanescer no processo de formação universitária?

Quando se pensa sobre isso vem à necessidade de compreender a grande crise que atravessa a formação universitária contemporânea. O contexto de sua qualidade traz marcas fortes de uma escolarização estruturada em currículos disciplinares, com um olhar que separa o ser humano do humano, o ser humano da natureza, o ser humano da sociedade e o ser humano compartimentado desde um divisor categórico dos processos de pensar, de sentir, de agir e de conviver no conhecimento, no ensino e na aprendizagem.

Viver a formação universitária na saúde é sentir, pensar e agir com compaixão pela vida e que desperta um senso de integração entre o ser humano, a sociedade, a natureza e Deus. Essa perpassa e dinamiza a criatividade da consciência do ser humano, para ser e reconhecer-se uma identidade pessoal num mundo multicultural e que tem uma trans-relação direta com a natureza como presença ecoespiritual de vida da vida, e por isso desperta conexão da consciência humana para a descoberta de sentido para um aprender a aprender com sentido. Para isso é necessário compreender que a reforma do pensamento na formação universitária contém uma necessidade social chave: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo com esperança regeneradora, solidariedade, comprometimento, competência amorosa e respeito à vida.

Na formação universitária, a vida pulsa na estrutura e organização da corporeidade do ser humano, professores, alunos, gestores. Esses formam uma teia educativa que é social, cultural e ecológica, ligada com a comunidade externa a universidade. Essa teia de vidas, historicamente constituída, irrompe na voz dos envolvidos à **humanescer, pois o ser humano está carente de acolhimento, afeto, respeito e clareza de seus valores e princípios de pensamento para um viver mais saudavelmente**. Mas o que é humanescer na educação universitária, contemporânea?

Humanescer na educação: um olhar transdisciplinar sobre o humano

Humanescer é um fenômeno humano que faz a pessoa sentir o amor incondicional à vida, que se manifesta misteriosamente no ato educativo do encontro com o outro, com a cultura na sociedade e com a natureza, onde ocorrem processos

criativos de ensinar e aprender com significado para a vida e que se dinamiza criativamente.

Humanescer na educação transdisciplinar é vencer a separatividade do sentir, pensar e agir. É deixar florescer o humano no humano que existe em cada pessoa. Esse é o aprender a aprender a ser gente para o bem o qual se mostra na capacidade de respeito e amorosidade no saber pensar e agir com criatividade e criticidade, tendo em vista e o encantamento com a sabedoria, que vem de diferentes áreas de conhecimento e se articula para promover novos processos criativos de conhecimentos. Com efeito, esse processo transdisciplinar que empodera o humano para poder ser por si, fora de si diante do outro e para si nas inter-relações no mundo da natureza e da cultura.

Humanescer no ensino-aprendizagem é antes de tudo saber expressar, em cada olhar e em cada gesto, uma sabedoria de amor a si e ao outro, respeitando a vida como um fenômeno sagrado, que se mostra na complexidade de consciências que se levantam e se encontram, para dialogar desde múltiplos saberes, numa sala de aula, por exemplo. Afinal, o amor a si mesmo e ao outro faz nascer à vontade de descobrir a verdade sobre as coisas e traz alegria para aprender a aprender com significado para a vida que gerará transformação pessoal e social no meio ambiente. Segundo Maturana (2002), na educação só existe verdadeiros processos de aprendizagem, quando existe o acolhimento de amor incondicional entre as pessoas. Afinal na biologia do amor os processos cognitivos são relativos aos processos vitais do ser humano. Vida e conhecimento são interagentes num ser humano que é biológico, social, cultural e espiritual.

Um dos grandes desafios na formação universitária está na necessidade das pessoas se abrirem para o acolhimento do outro, combatendo a competitividade patológica em amplo sentido. Esse é o grande desafio para poder viver uma educação transdisciplinar. É preciso humanescer no ato de ensinar-aprender e conhecer, como processos compartilhados de subjetividades que tem em si a criatividade da vida e que na convivência de respeito e cuidado tecem novos saberes que poderão emergir inusitadamente. Com efeito, esse processo traz um viver educacional saudável, no qual as pessoas se sentem incluídas e acolhidas nas suas individualidades.

O humanescer docente transdisciplinar implica postura didático-pedagógica que estrutura uma prática de diálogos com saberes filosóficos, científicos, artísticos e culturais, o qual desperta a consciência de alunos para, segundo Morin (1977), perceber a religação dos conhecimentos humanísticos e científicos, formando um pensar criativo e crítico. É a vivência educativa de conhecimento da proximidade solidária de saberes, métodos e estratégias entre um eu e um outro (docente-discente), buscando a melhor solução de acolhimento, na alegria ou na dor, no acerto ou no erro. Também afirma Ribeiro e Moraes (2014, p.266) que

o olhar transdisciplinar aponta que para a criação de um cenário educativo favorável à criatividade é fundamental o acolhimento do pensamento ecológico-sistêmico, o qual preconiza uma prática dialógica fundamentada nas relações e nas interligações, em que tudo que existe coexiste e nada se permite existir fora isolada, fora de suas conexões.

Nesse encontro de aprendizagens se tece a ampliação das consciências das pessoas para um olhar mais amplo sobre si, sobre a sociedade, a natureza e o mistério do Criador. Logo, o fenômeno do humanescer na formação universitária acontece quando é sentido a emergência do espiritual no pensar e agir humano diante de si, do outro, da natureza e do sagrado que se expressa na cultura. O espiritual é a dimensão de sentido que emerge da criatividade da consciência humana diante de perguntas que surgem nas vivências diversas.

O espiritual pode ser entendido como força criadora, *élan vital* e centro radial e tangencial para a articulação do sentir - pensar e agir na convivência acolhedora e próspera de querer bem uns aos outros. (Bergson, 1982; Frankl, 1997; Dittrich, 2010a.) Reforçando este argumento, afirma Dittrich (2010b, p. 85) que o ser humano, na sua constituição primária, tem sua dimensão biofísica ligada a sua dimensão psíquica e esta tem uma “dimensão profunda espiritual que se evidencia na sua estrutura e organização como um corpo-criante, matéria-espírito.” Tillich (1974) explica que a matéria não é um princípio anti-divino no qual o espírito está separado e tem que libertar-se. O ser humano é matéria-espírito porque tem o desejo da união com a realidade material através dos sentidos.

Ao sentir, pensar e criar, espontaneamente, o desenvolvimento de uma reflexão sobre conceitos de conhecimento ou conteúdos que surgem de práticas na realidade, o ser humano vai extraíndo de si registros que apontam para um novo tempo de cuidado de si e do outro. Esse tempo, (Dittrich, 2010b) *Kairós*, demanda respeito e amor incondicional à vida. Com efeito, isso é o humanescer e é desafio; é movimento de uma maneira profunda de ser na vida e com a vida de todo aquele que respira na complexidade criativa da natureza e pede explicação para as suas alegrias, dores e sofrimentos.

Essa maneira de ser na educação universitária fortalece o ser humano na sua centralidade psicoespiritual, percebendo e superando a dualidade corpo-alma, a separatividade eu – mundo-natureza, a contradição saúde *versus* doença. Diz Boff (1994, p. 28), que perceber “a profundidade do mundo e de todas as coisas, bem como, a nossa própria, constitui aquilo que chamamos de espírito”, dimensão fundante da criatividade do ser humano para dar significado à suas percepções no ato de aprender a aprender a ser no mundo.

Ensinar o aluno a ser criativo no mundo é um grande desafio da universidade contemporânea. Para isso, não basta somente “repassar” cartesianamente o conhecimento científico. É preciso ir, além disso, olhar a formação humanística da pessoa, especialmente no campo da saúde. O humanescer do cuidado na formação em saúde desperta para uma atitude fundamental a ser vivida por professores e alunos – a humildade para o reconhecimento da proximidade de respeito e amor à vida no encontro eu – outro – natureza. Essa proximidade oportuniza o ato educativo transdisciplinar, criativo por isso espiritualizado. Esse oportuniza o saber cuidar da vida, que tem uma razão profunda de ser – o despertar para o amor à sabedoria, o ato de filosofar sobre o ser humano, a sociedade, a natureza e Deus, articuladamente com os conhecimentos científicos.

O ato do filosofar cria uma sinergia vital-cognitiva que leva o ser humano a humanescer no reencantamento com o amor à sabedoria seja a de senso comum, a científica ou a das humanidades. Segundo Margulis; Sagan (2002, p. 23) o arquiteto Buckminster Fuller usou a palavra sinergia (*synergos*) para “descrever as entidades que

se aportam como mais do que a soma das partes. Do ponto de vista científico, a vida, o amor e o comportamento parecem ser fenômeno sinérgicos”.

Na formação universitária dentro de várias universidades existe um clamor subterrâneo e emergente que vem desvelando a necessidade de humanescer nas práticas educativas. Elas precisam oportunizar a descoberta da dignidade de ser pessoa no mundo, bem como o sentido do conhecimento que liberta e empodera o ser humano para realizar os seus objetivos. Nesse processo a pessoa descobre-se como alguém que sabe questionar, pensar por si no diálogo com o outro e que o seu pensamento tem valor explicativo, para formar a verdade sobre algo vivido e experienciado.

A tomada de consciência para o amor à vida, através da arte de ensinar e aprender abre à compreensão de um novo tempo para renascer dentro de novos sentimentos e pensamentos na caminhada existencial, na formação profissional universitária. Logo, educar não é apenas um evento e ações metodológicas didáticas de assistência tecnocientíficas, sociais e políticas, mas, especialmente é praticar a pedagogia da condição humana, como um saber cuidar educante, de ampliação na visão de mundo, de ser humano, de conhecimento e de sabedoria para com a vida.

Esse processo também é terapêutico, pois à medida que a pessoa vai percebendo seus avanços no domínio de conhecimentos de e estratégias para fazer relacionamentos mais organizados e prósperos, ela vai se sentindo empoderada para dar sentido ao seu viver social. Com efeito, na visão de (Espíndola; Dittrich, 2015), na educação o viver saudável tem uma carga de sentimentos e racionalidades que desembocam em algo terapêutico, espiritual, profundo, natural, que supera conceitos doutrinários institucionalizados, e se mostra no modo de ser amoroso e sábio do ser humano.

Esse modo na educação desperta para uma visão de saúde ampliada e que deve ser vivida a todo o momento, em diferentes situações no processo de formação universitária. Na formação universitária é necessário que as pessoas possam vivenciar pedagogicamente, no ato educativo, suas capacidades criativas – as de **sentir-pensar-fazer-agir** com finalidade de conexão entre a ciência, a filosofia e a vida prática na sociedade.

Tal vivência leva o ser humano a conectar-se com algo profundo em si mesmo, o qual é sagrado, sua profundidade psicoespiritual, aquela que dá sentido ao viver, e que

emerge racional-emocional e socialmente como processo de gênese da vida, que dinamiza seus sonhos, seus objetivos nobres que o impulsionam para um futuro de esperança, em boas realizações para o bem comum. Como diz Batalloso (2014) os processos de ensino-aprendizagem estão ligados em um triângulo da vida – indivíduo, natureza e sociedade, e que se dinamizam em quatro dimensões de desenvolvimento humano – aprender a ser, conhecer e fazer, conviver e comprometer-se com a vida que alimenta o ser humano nas suas amplas intra e inter-relações.

Nesse processo, o ser humano pode escutar a si mesmo nos movimentos de seu corpo que é plástico, criante, com diferentes linguagens. Pode perceber em si e no outro o ser profundo, carregado de significados, que pulsa em cada um e que remete para um lugar, um aqui ou ali, abissal (Tillich, 1972, 2002; Frankl, 1976; Dittrich, 2010a), que não se pode chegar, mas que se revela em cada consciência, chamando à compaixão e à harmonia, para o momento de humanescer na educação. Esse momento é *Kayrós*, é o tempo de encontro consigo e com o outro e que anuncia a chegada de descobertas para os questionamentos e desafios existenciais.

Quando se reflete sobre essas ideias, defronta-se com uma questão fundante: Vive-se dentro de uma sociedade consumista, da luta, da competição, da objetificação do ser, da expropriação da natureza e da mercantilização da saúde de forma agressiva e expropriadora. Como humanescer?

Dentro dessa sociedade, pensar sobre cultura do cuidado à vida na saúde, na formação universitária, remete entendimento ontopsico-antropológico do ser humano na sua integralidade, multidimensional e sua multidiversidade cultural, para um viver saudável e digno. Quais estratégias sociopolíticas e educativas poderão ser levantadas para o humanescer do cuidado à saúde do cidadão, nos currículos dos cursos universitários?

Certamente aqui, não se quer trazer respostas prontas, mas somente ideias para aguçar a reflexão crítica sobre este complexo problema, e que é um desafio de muitos professores. No ensino universitário e no mundo da vida na saúde o que mais chama atenção é a crise em que se encontram os paradigmas em saúde, frente à complexidade da mobilidade social, cultural, ecológica e econômica, especialmente pela velocidade da informação, internacionalmente falando e eventos ecológicos e outros de toda ordem.

Nas discussões acadêmicas universitárias são os conhecimentos, as metodologias e os produtos tecnológicos que aparecem e que surgem como problemas e soluções com foco mercadológico; logo, impera um imediatismo mecânico para as ações, por vezes, positivistas e seletivas, e que nem sempre encontram solução para problemas imprevistos que surgem ao redor do mundo e na vida diária de alunos e professores. Por outro lado, esse é um desafio constante, que provoca a necessidade do docente pesquisador, do profissional da saúde, do político e do gestor a pensarem e agirem de forma interativa e com um olhar aberto para as diferenças socioculturais, a fim de evitar sua alienação na repetição de conteúdo e de mecanismos e técnicas reprodutivistas, tão preconizadas no modelo biomédico em saúde e no ativismo receituário de práticas na arte de educar.

Ainda que isso cause perplexidade, pensar o humanescer na formação universitária em saúde é pensar a formação do profissional sem perder de vista o valor incontestável do DNA da Vida que pulsa em todos os corações dos seres vivos da TERRA, como dizia James Lovelock em sua teoria “Gaia”. Com efeito, isso é pensar o ato educativo transdisciplinar.

O humanescer para um viver saudável aponta para uma consciência docente e discente interagente, aquela que é flexível, acolhedora, amorosa, responsável e comprometida com um ensinar e aprender com sentido para a vida e por isso que se caracteriza humilde e com paz interior na articulação da teoria e prática. O humanescer dessa consciência estrutura-se na visão da não separatividade do ser humano, da sociedade e da natureza. Nas palavras de Weil, (2011, p. 56), “quem por ele passa muda completamente a sua visão de realidade e adquire por experiência direta a verdade da não separatividade do Eu-individual e de um Eu-Maior.” Daí a importância do reconhecimento da interação criteriosa, epistemológica, antropológica e política, entre visões de saúde e de políticas em saúde, como também das práticas de formação com seus princípios, linguagens metodológicas, técnicas, modos de vida, crenças e saberes formais e não formais. Para Riveiro e Moraes (2014, p.267) “o olhar que se pauta por essa ótica percebe a qualidade dos processos criativos como decorrentes do equilíbrio de todos os elementos constituintes do ecossistema”.

Esse olhar complexidade se constrói transdisciplinarmente num tecido sócio-eco-cultural de uma sociedade contemporânea, que necessita humanescer na educação para formar profissionais que saibam cuidar da vida no planeta – Gaia – a morada de todos nós e daqueles que se preparam para nascer dignamente no mundo. A transdisciplinaridade (Petraglia, *in* Moraes; diversos saberes que estão muitas vezes dispersos em diferentes tipos Almeida, 2012; Torre; Maura, 2012) visa a religação de pensamento e a assimilação do racional-técnico-empírico com o simbólico-mítico-imaginário.

Falar do humanescer no cuidado à saúde é transcender o desgaste social do jargão político “humanização da saúde”, nas próprias políticas protetivas da saúde, que circula na linguagem social, formal e não formal, dentro da formação universitária. Dentro de esse olhar emerge uma necessidade para poder humanescer no cuidado à saúde de professores e alunos, que ainda vivem formações dentro da visão disciplinar e segmentada desde os currículos de cursos.

O desafio é encontrar novas soluções e modos de educar e de cuidar do ser humano, para vencer os limites do paradigma cartesiano, especialmente o da separatividade da teoria e da prática na formação universitária. Por outro lado, essas dificuldades estão também relacionadas à baixa qualidade de muitos profissionais que atuam no mercado da saúde colocando a vida de muitas pessoas em risco. É possível promover educação e saúde, sem compreender que o respeito e a defesa vida são focos éticos para a humanescência do cuidado ao ser humano na sociedade e na natureza? Como entender processos de viver saudável, integral, sem humanescer para o cuidado autêntico de amorosidade à vida na relação entre eu-outro-natureza, na convivência social?

Entende-se que quando se fala de humanização da saúde é porque existe uma crise social de desrespeito à vida, logo, ao ser humano nas suas dores e sofrimentos, especialmente. A Política Nacional de Humanização da atenção e da gestão no SUS (PNH), criada em 2003, teve uma preocupação metodológica de resgatar o valor do cuidado na saúde do cidadão brasileiro.

Entre muitas perguntas, tal política indica: como fazer os itinerários de gestão e de cuidado em saúde para a garantia da efetivação dos princípios de integralidade, de

universalidade e de equidade do SUS, preconizados em sua base jurídico-legal? Como intervir em certos modos de organizar e realizar o trabalho em saúde, calcados na hierarquização do poder autoritário biocêntrico e materialista? Como minimizar relações de cuidado com tratamentos invasivos e desrespeitosos, que alienam o cidadão com ações „terapêuticas“ focadas na doença, sem levar em consideração suas condições necessidades e projetos de vida, sua maneira de ser?

A formação universitária na área da saúde necessita pensar profundamente sobre estas questões. Ela precisa humanescer curricularmente partindo de uma crítica sobre as relações na saúde dentro de uma cultura consumista, altamente dirigida pelos meios multimidiáticos, que são imediatamente influenciáveis de modo que os próprios seres humanos, professores, alunos e gestores, muitas vezes, passam a se tratar como robôs produtivos que geram “mercadorias” consumíveis e lucrativas. Não será isso um grande desafio a ser enfrentado para o humanescer na formação universitária? O que se tem percebido é que, frequentes vezes, as pessoas se sentem como corpos fragmentados, destituídos de sua beleza e inteligência criativa, logo se sentem indignas, não merecedoras de uma existência com sentido naquilo que fazem, sentem e pensam.

A fala recorrente nos corredores universitários registra a separatividade do pensar, do fazer e do viver, estimulados por uma necessidade automatizada do controle dos meios de comunicação. Max Weber previu, *in* Nauman (2001), que a “racionalidade instrumental” tecnológica dentro, de uma sociedade mercadológica e consumista, instaurada num modo metodológico instrumental de ensinar e aprender, levou o destino da história humana como algo já sabido e a questão dos fins da ação humana acertada numa verdade fechada, segmentada em especificidades e não mais aberta à contestação.

Os impactos dessa ideia estão presentes em alunos e professores que no dia a dia passam a se ocupar mais com os meios instrumentais para um fazer pedagógico imediato, rápido e objetivo, como também no investimento de tempo para o controle dos meios tecnológicos, multimidiáticos, nas redes sociais, de forma ativista e mecânica. Tal fato, segundo Bauman (2009), se dá porque o ser humano está tão imerso nas relações de domínio político-econômico, compra e venda que se iguala a objetos de

consumo. Será que esse processo também acontece nas relações de exigências curriculares para a formação do profissional em saúde?

Essa ideia leva à reflexão as seguintes questões: O que dizer quando um profissional da saúde é avaliado e pago somente pelo número de atendimentos que ele deve realizar ao final de cada dia, ou ao número de indicações de exames, de cirurgias e de medicamentos, segundo as políticas de instituições? Como construir uma educação em saúde, para saber cuidar da vida do ser humano, se, muitas vezes, o profissional da educação e da saúde são compreendidos como “capital” de recursos humanos, mercadoria identificada com a pura capacidade de uso da tecnologia para o ativismo mecânico produtivo?

Einstein (1999) dizia que o seu medo era se um dia a tecnologia dominasse o ser humano, então se poderia ter uma sociedade de seres medíocres e doentes. Será que o temor do grande físico já está ressonando na ecoesfera psicosociocultural da sociedade, contemporânea, na formação universitária?

O ser humano que vive este modelo de produção biotecnocêntrico está em crise na sua saúde e na sua forma de vivenciar a formação universitária. O clamor de muitos é pelo acolhimento amoroso, livre, respeitoso e comprometido com a qualidade do ensino-aprendizagem com sentido para a vida, dentro de uma sociedade democrática, intercultural. Não será isso o desejo de humanescer no cuidado à vida? Poderá a universidade promover e realizar um processo de formação universitária para o humanescer no encantamento de sentir- pensar-fazer e conviver no ensino-aprendizagem, despertando no ser humano o encantamento à sabedoria e à sua vida ligada à natureza e a sociedade?

Os tempos no movimento do pensamento científico, filosófico, artístico, antropológico e da educação indicam que uma das saídas inteligentes para ajudar o ser humano à humanescer é a formação transdisciplinar, a qual permite relações mais saudáveis, fora de jogos dualísticos do pensar, do agir e da linguagem viciada no copismo empobrecedor e viciante, o qual produz limitações de toda ordem no comportamento humano.

Considerações finais

O tema humanescer na saúde na formação universitária, dentro de uma visão transdisciplinar remete conhecimentos de ordem teórico-prática dentro de uma complexidade de determinantes filosóficos, psicossociais, pedagógicos, políticos, etc. No mundo da política do trabalho em saúde e das relações sócio educacionais entre o público e o privado existe um evidenciamento de formas de ser, de pensar e de conviver que se sustentam sob a égide da lógica do consumo, focada no valor material, capitalista, em detrimento de valores centrais da vida. (Frankl, 1991; Bauman, 2009).

Exemplo disso é o **modelo tecnocrático** em saúde, o preponderante ainda na formação universitária. Baseia-se na visão cartesiana, enfatizando a dualidade existente na separação entre mente e corpo. Nessa visão, a saúde é vista biologicamente desde uma compreensão de que o corpo do ser humano é uma máquina que pensa e existe porque funciona linearmente sob a relação de leis de causa e efeito. No cuidado em saúde, esse modelo tecnocrático submete o profissional, na sua ciência e tecnologia, às metodologias lineares, fechadas. Essas estimulam a capacidade de produzir resultados controlados e esperados, com foco em traduções simbólicas que nem sempre são aplicadas ao contexto de um determinado problema pessoal. Será isso a humanização da saúde tão esperada numa formação universitária?

Pensar o humanescer nos processos de ensino-aprendizagem, na formação de profissionais da saúde, não significa que se deva abandonar este modelo, porém, o que se precisa é considerar o que ele tem de relevante para uma boa formação e agregar, especialmente, saberes que vem das humanidades com metodologias abertas, flexíveis e acolhedoras da diversidade de saberes.

Por outro lado, o **modelo humanista** em educação em saúde entende o ser humano numa visão de corpo como organismo vivo que se manifesta na interação de aspectos somáticos e anímicos, derivados da linguagem e da razão numa ordem simbólica e cultural. Dentro disso o cuidado à saúde é um fenômeno integrativo que engloba aspectos emocionais, psicológicos, fisiológicos, sociais e espirituais.

O resultado se expressa na ênfase oferecida aos aspectos relacionais, no resgate do afeto e na valorização da conexão entre o profissional e a pessoa atendida. No entanto, entendem a tecnologia e a ciência como instrumentos necessários para um bom resultado da prática do cuidado com compaixão. Aqui já se percebe um avanço

significativo na compreensão da educação para um cuidado que acolha o ser humano de forma mais aberta, e que considere a sua complexidade dimensional. Diga-se de passagem, que, as Políticas Públicas em Saúde, pouco a pouco, estão incentivando e valorizando esse tipo de abordagem, tendo em vista a promoção e prevenção da saúde integral.

Avançando na direção de um **cuidado humanescente** está o **modelo Holístico** em saúde, na formação. Dentro de uma visão integral da complexidade da vida nos seus processos de gênese, este entende que o corpo humano é um campo energético em constante interação com outros campos de energia, e sua base é a gênese da energia vital em toda a sua complexidade multidiversa. Para Dittrich (2010a) o ser humano é um corpo-criante, multidimensional primária e secundariamente, com capacidade de estrutura e auto-organização para as inter-relações com o meio nos processos de saúde. Logo, o humanescer no cuidado é um fenômeno biopsicoespiritual e social. Ele implica vivência de uma espiritualidade terapêutica, natural, qualificada pelo amor e respeito incondicional à vida, dentro de saberes diversos que se manifestam na criatividade nos procedimentos a serem realizados para um viver saudável e uma educação com sentido para a vida.

Com efeito, essa abordagem é a que mais permite abertura para o humanescer no cuidado com intervenções terapêuticas transdisciplinares e de ordem teórica e metodológica, que se dariam mais em nível “energético” e emocional, que no veículo físico denso, diminuindo, assim, os efeitos indesejáveis da intervenção mecânica ou de drogas sobre o organismo da pessoa quando necessário.

O Plano Nacional da Humanização – PNH - na sua base filosófica e política quer expressar um entendimento ampliado do cuidado em saúde. Caminha com a humanização da saúde como compreensão formal e dispositivo político, que interroga e implementa saberes e poderes instituídos, construindo práticas cotidianas nos espaços públicos, nos quais as pessoas estejam engendrando novos arranjos sociais e institucionais para um viver saudável, na articulação cultural em rede de comunicações e de atendimento. No entanto, na formação em saúde existe uma necessidade e o desejo da vivência de uma saúde espiritualizada, que se efetive numa maneira de ser acolhedora com saberes que vem da Filosofia, da Psicologia, da Biomedicina, da

Antropologia, das Artes e de outras áreas do conhecimento, da cultura humanística e holística, promovendo atitudes transdisciplinares e ecoformativas.

Tais atitudes se forjam na dinâmica da energia da vida, que se faz fluxo espiritual na complexidade do ser que cuida e é cuidado. Esse é um desejo emergente nos tempos contemporâneos, expresso no movimento de necessidades pessoais numa sociedade em crise, em todos os níveis, ainda que seja de forma inconsciente.

O grito é para, urgentemente, humanescer no cuidado à saúde na formação universitária, com prática e vivências que necessitam integrar sentimento-emoção-razão-linguagem, matéria-espírito-energia-história-ciência-arte tendo em vista a defesa à vida, à paz e a um viver saudável para uma boa convivência entre povos e culturas. No entanto, sentir e pensar isso são sinal de elevação da consciência humana pelo amor à sabedoria da vida corporalizada em cada pessoa nos seus processos de aprender e conhecer.

Essa é a busca para um viver saudável, a qual descarta saberes e ideologias, fechadas e perversas que produzem dor e sofrimento a todos, num embate sem resultados positivos, os quais danificam a qualidade de vida socialmente compartilhada e especialmente o solapamento da formação universitária, que na sua natureza etimológica e epistemológica indica abertura de respeito aos diferentes, ao flexível, e a liberdade de ideias para um aprender para a vida.

Encerra-se essa reflexão afirmando que a espiritualidade natural, como uma maneira de ser, agir e de conviver amorosamente no respeito à vida na saúde, é urgente de ser tratada e vivida, na formação universitária, como uma busca constante da interioridade profunda do ser humano, para o sentido de viver e aprender, logo de conhecer e conviver de forma mais harmonizada biopsicossocial e ecologicamente.

Problematizar e buscar respostas sobre o tema humanescer na saúde na formação universitária aponta sinais de esperança para práticas transdisciplinares que promovam objetivamente uma maneira de ser, luminescente, do saber cuidar e gerir as relações de trabalho, dentro da não violência no enfrentamento de verdades e poderes, visando o bem. A não violência é a mais implacável atitude de sabedoria e de amor à vida na eficácia social, para romper com a expropriação, a superatividade sujeito-mundo-conhecimento, a opressão do autoritarismo da ignorância cega de pessoas e práticas que

obscurcem a saúde do ser humano e seus espaços de convivência nas suas políticas de organização e gestão institucionalizadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

_____. **Vida líquida**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BERGSON, Henri. **La energia espiritual**. Madrid: Espasa - Calpe, S., 1982.

BATALLOSO, Juan Miguel. Educación, transdisciplinariedad y pensamiento ecosistémico: una aproximación a la practica. In. **O pensar complexo na Educação**. Sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Org. MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DITTRICH, M. G. **Arte e criatividade, espiritualidade e cura**. A teoria do corpo-criante. Blumenau: Nova Letra, 2010a.

_____. La creatividad desde la teoria del cuerpo-creante. Creatividad e innovación. TORRE, Saturnino de la; MAURA, María Antonia Pujol. **Enseñar e investigar con otra conciencia**. Homenaje a Edgar Morin Dr. Honoris Causa por la Universidad de Barcelona. Madrid: Editorial Universitas, S. A., 2010b.

EINSTEIN, Albert. **Teoria da relatividade especial e geral**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1999.

ESPÍNDOLA, K.S.; DITTRICH, M.G. **A arteterapia no cuidado integral à saúde**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2015.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 4. Ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A psicoterapia na prática**. São Paulo: E.P.U., 1976.

_____. **Psicoterapia para todos**: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion. **O que é a vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MATURANA, H. **Transformación en la convivencia**. Caracas; Montevideo; Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 2002.

MORIN, Edgar. **O método I: a natureza da natureza**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. 2. ed. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa América, 1977.

PETRAGLIA, I. Educação e complexidade – os sete saberes na prática pedagógica. In MORAES, M.C.; ALMEIDA, M.C. **Os sete saberes necessários à educação do presente**. Por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2012.

REBEIRO, O. C.; MORAES, M.C. **Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar**. Rompendo crenças, mitos e concepções. Brasília: Liber Livros, 2014.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. **A dinâmica da fé**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.

TORRE, Saturnino, MAURA, María A. Pujol. **Creatividad e innovación**. Enseñar con otra conciencia. Madrid: Editorial Universitas, 2010.

WEIL, Pierre. **A arte de viver a vida**. Petrópolis: Vozes, 2011.